

BNH. Um insulto à casa própria.

A melhor visão que se tem dos principais pontos desse Triângulo é do alto de uma torre de cristal bronze importado dos Estados Unidos, festivamente inaugurada pelo presidente Médici, em agosto de 1973: o edifício - sede do Banco Nacional da Habitação. A sofisticação do material utilizado na decoração de determinados ambientes chega a ser um insulto aos 30 milhões de trabalhadores participantes do FGTS. Três andares da diretoria e o gabinete da presidência, que se esparrama pelos 1.100 metros quadrados do 27º andar andar, são pomposamente revestidos por tapetes de pele de carneiro. A espessura desses tapetes é tão acentuada que freqüentemente desequilibra as secretárias, como observou, com uma ponta de vaidade feminina, a assessora de comunicação social, Lúcia de Biase.

— São tão fofos que a gente vive prendendo o sal o do sapato neles.

O custo médio do metro quadrado desses tapetes, hoje, é de Cr\$ 29 mil, ou seja, 83,39% do maior salário mínimo em vigor no País.

Bom ar

O edifício-sede do BNH pode-se ainda orgulhar de ser possuidor, entre outras excentricidades, de um requinte tecnológico altamente avançado para os padrões brasileiros. Talvez seja um dos únicos prédios equipados com um dos mais caros e sofisticados sistemas de controle de monóxido de carbono

em suas garagens. A cada minuto, dez censores da Hartman Braun zelam pela boa qualidade do ar que se respira nos dois patios internos do BNH. As amostras de ar coletadas, de minuto a minuto, em pontos diferentes da garagem, são enviadas automaticamente a uma central, no subsolo, para serem submetidas a testes de medição. Caso o índice de monóxido de carbono ultrapasse a marca de 200 pp CO (200 partículas por milímetro), acende-se uma luz vermelha no painel da central de controle de poluição, denunciando a área do estacionamento em que o ar se encontra mais saturado. Sempre que isso acontece, é também disparado um alarme sonoro, através de uma buzina instalada no teto da garagem, a fim de advertir o motorista que estacionou o carro e permaneceu, por alguns momentos, com o motor ligado. O custo real desse equipamento permanece até hoje desconhecido.

Dez anos depois ainda não se sabe também quanto foi gasto na construção desse prédio. A própria concepção do projeto, que mobilizou uma legião de arquitetos, já denunciava a criação de uma edificação agressivamente suntuosa para um país com os problemas agudos que afligem o Brasil. O prédio, com seus 50 mil metros quadrados de área construída, nasceu de um jogo de figuras geométricas que pretendia privilegiar um tipo de construção que espelhasse a própria grandeza dos planos do BNH para resolver os problemas habita-

cionais do País. Esse objetivo pode ser contemplado, no projeto, através da verticalidade do bloco principal, com seus 33 pavimentos com paredes de cristal. Na verdade, esse bloco é o resultado da integração de três prismas intimamente ligados, com alturas diferentes, que compõem a fachada formada por 14 mil metros quadrados de cristal-bronze importado dos Estados Unidos, durante o governo Médici.

Solidez, na construção.

A estrutura de concreto armado, sem revestimento, traduziria no dimensionamento de suas peças — no entendimento dos autores do projeto — a solidez da instituição que abriga. Nessa construção não houve preocupação com contenção de despesas: foi empregado o que havia de melhor no Brasil e no Exterior. A conservação da fachada, por exemplo, é feita até hoje com o auxílio de uma gôndola fabricada no Canadá, equipada com motor, que corre silenciosamente ao longo dos pilares do prédio.

A equipe de arquitetos que trabalhou com aplicação na execução desse projeto parece ter reservado para o seu interior o melhor do seu talento. O ponto alto, em matéria de requinte, está no apurado bom gosto empregado na decoração dos 1.100 metros quadrados que servem à presidência do BNH. As paredes são forradas com lambris de jacarandá de Mato Grosso encerado com pasta de carnaúba. Os tapetes, de pele de carneiro, e as poltronas

em louro velho com almofadas de espuma e couro preto integram-se perfeitamente a esse refinado décor. O piso, de tábuas corridas, em ipê-tabaco, com 15 centímetros de largura, dá um tom de nobreza ao ambiente, como "exige" o gabinete de trabalho de uma instituição especialmente criada para estimular a construção de casas populares.

Você paga impostos ...

Os materiais de acabamento têm o mesmo padrão, tanto na presidência quanto nos três andares ocupados pela diretoria. Até mesmo os sanitários são iguais: em mármore branco e granito cinza-grafite. As portas foram confeccionadas com fórmica, um material vulgar, mas os espelhos são todos de cristal. O requinte não foi desprezado nem mesmo em ambientes mais descontraídos, como os reservados aos prazeres da boa mesa. A sala de refeições da diretoria foi alvejada por um detalhe preciosista. O teto de gesso, por exemplo, foi coberto por um delicado tapete acarpetado para melhor absorver o tilintar de louças e talheres.

Alguns materiais nobres, como o ipê-tabaco, não foram escolhidos apenas para servir as instalações da presidência e da diretoria. Foram consumidos cerca de 24 mil metros quadrados desse tipo de madeira em quase todos os andares do prédio.

O BNH, desde a sua criação, tem diversificado a aplicação dos seus recursos, aplicando, até mes-

mo, maciços investimentos na área cultural, embora este não seja um dos seus objetivos prioritários. O seu auditório de 142 lugares — onde muitas vezes são realizadas palestras e conferências alheias à questão habitacional — é todo forrado por tapetes de lã ouro-velho. A luz natural que chega até as poltronas de couro cru, com pés de alumínio polido, atravessa um vitraux lateral de tijolos de cristal multicoloridos, especialmente importados da Alemanha para produzirem determinados tons.

Mas talvez a verdadeira obra-prima da sede do BNH esteja em seu teatro de 400 lugares — um dos mais luxuosos e sofisticados de todo o País. O seu foyer exibe um painel decorativo trabalhado em 200 metros quadrados de madeira calcinada. A obra leva a assinatura de Ernani Macedo e Roberto Sá Caribé, escultor baiano, foi o responsável por outro painel, de 80 metros quadrados, em concreto, localizado na bilheteria do teatro. Nele foi também empregado o que havia de melhor. O palco, que é quase do tamanho da platéia, foi concebido para receber qualquer tipo de espetáculo, do balé à orquestra sinfônica. O seu sofisticado sistema de iluminação, por exemplo, foi todo importado da Inglaterra, de onde vieram também os técnicos encarregados da sua instalação.

O refinamento está presente em todas as peças do teatro. A platéia possui um teto acústico de

forma irregular e escamada, revestido com folhas texturizadas de alumínio que lembram as asas de um avião. As poltronas são também de extremo bom gosto: em couro cru, contrastando suavemente com a forração de lã verde-musgo que reveste o piso e vai até a peitoril.

Quadros x casas

Mas o maior investimento do BNH não está, talvez, no seu teatro — freqüentado pela elite carioca —, mas na sua cobiçada pinacoteca, uma das mais ricas do Brasil, em cujo acervo podem ser encontrados cerca de 300 óleos, aquarelas, serigrafias e gravuras de alguns dos nossos mais expressivos artistas contemporâneos.

Di Cavalcanti, Orlando Teruz, Pancetti, Volpi e Guinard são alguns dos autores que integram esse precioso acervo mantido apenas para deleite dos diretores do BNH e dos seus funcionários mais graduados. A assessora de comunicação social, Lúcia de Biase, afirma desconhecer os motivos que levaram as antigas administrações a realizar essas aquisições. Garante que nenhuma obra foi adquirida durante a gestão do atual presidente, José Lopes de Oliveira. Lúcia de Biase chega, inclusive, a cometer uma inconfidência.

— O presidente prefere gráficos de construções a obras de arte. Ele chegou até a colocar um mapa do Brasil onde havia um óleo de Di Cavalcanti. D.M.